

CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos
e resultados empíricos

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos
e resultados empíricos

2

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: Desafios metodológicos e resultados empíricos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: Desafios metodológicos e resultados empíricos 2 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0202-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.022220906>

1. Ciências humanas. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador). III. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Neste livro, intitulado “**Ciências humanas: Desafios metodológicos e resultados empíricos 2**”, reúnem-se estudos dos mais diversos campos do conhecimento, que se complementam e articulam, constituindo-se enquanto discussões que buscam respostas e ampliado olhar acerca dos diversos problemas que circundam a área de Ciências Humanas.

Sabemos que o período pandêmico, como asseverou Cara (2020), escancarou e asseverou desigualdades. Diante disso, a área de Ciências Humanas se consolida como importante para a sociedade, sobretudo nesse momento. No atual contexto social e político, é necessário assumir esse lugar luta, fazendo das diversas problemáticas de pesquisa e experiências como ferramentas para a formação crítica e humana das pessoas, como lugar real de possibilidade de transformação da sociedade.

Destarte, os artigos que compõem essa obra são oriundos das vivências dos autores(as), estudantes, professores(as), pesquisadores(as), especialistas, mestres(as) e/ou doutores(as), e que ao longo de suas práticas, num olhar atento para as problemáticas observadas no contexto social, buscam apontar caminhos, possibilidades e/ou soluções para esses entraves. Partindo do aqui exposto, desejamos a todos e a todas uma boa, provocativa e lúdica leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

André Ricardo Lucas Vieira

REFERÊNCIAS

CARA, Daniel. **Palestra online promovida pela Universidade Federal da Bahia, na mesa de abertura intitulada “Educação: desafios do nosso tempo” do evento Congresso Virtual UFBA 2020**. Disponível em: link: <https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE>. Acesso em abril 2022.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DIREITOS HUMANOS E A DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Ires Aparecida Falcade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209061>

CAPÍTULO 2..... 14

O PROBLEMA DA FUNDAMENTAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS SEGUNDO HANNAH ARENDT

Gabriela de Freitas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209062>

CAPÍTULO 3..... 20

OS IMPACTOS DA PANDEMIA NA ROTINA DOS ATLETAS

Diene Aparecida Silva Costa

Cláudia Regina Parra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209063>

CAPÍTULO 4..... 25

REFLEXÕES SOBRE A MATERNIDADE PELA IGUALDADE DE GÊNERO NA ATUAÇÃO DE MULHERES NAS CIÊNCIAS FLORESTAIS

Claudia Moster

Renata Pontes Araujo

Beatriz Queiroz Demarco

Larissa Brandão Pereira

Livia Obolar de Amorim

Nathália Augusto dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209064>

CAPÍTULO 5..... 36

AUTOCUIDADO E MINDFULNESS EM PROFISSIONAIS DO CONTEXTO SOCIAL

Ana Berta Alves

Cátia Magalhães

Bruno Carraça

José Sargento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209065>

CAPÍTULO 6..... 50

COLETIVO CONVERSAE E RESSIGNIFICARES: DEBATENDO A CULTURA MACHISTA E A MASCULINIDADE TÓXICA ENTRE HOMENS

Emiliano Kelm Duet Chagas

Gustavo Rocha

Lucas Motta Brum

Romeu Casarotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209066>

CAPÍTULO 7	55
PROCESSO MIGRATÓRIO E DIREITOS HUMANOS DE IMIGRANTES HAITIANOS RESIDENTES EM CUIABÁ Imar Domingos Queiróz Vera Ferreira  https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209067	
CAPÍTULO 8	68
O TEXTO LITERÁRIO NA ROTINA DIÁRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS Jullyane Glaicy da Costa Ferreira  https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209068	
CAPÍTULO 9	80
CONTRIBUIÇÕES DO USO DE JOGOS PARA COMPREENSÃO DE POTENCIAÇÃO E RADICIAÇÃO Taynara Oliveira da Rosa Ângela Maria Hartmann  https://doi.org/10.22533/at.ed.0222209069	
CAPÍTULO 10	93
ANÁLISE SOB A ÓTICA DAS EMPRESAS DO SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL NA REINSERÇÃO PROFISSIONAL DO EGRESSO DO SISTEMA PRISIONAL Fernando da Costa Barros Ceile Cristina Ferreira Nunes  https://doi.org/10.22533/at.ed.02222090610	
SOBRE OS ORGANIZADORES	103
ÍNDICE REMISSIVO	104

REFLEXÕES SOBRE A MATERNIDADE PELA IGUALDADE DE GÊNERO NA ATUAÇÃO DE MULHERES NAS CIÊNCIAS FLORESTAIS

Data de aceite: 01/06/2022

Data de submissão: 10/05/2022

Claudia Moster

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/1563957850838219>

Renata Pontes Araujo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/2766616270787447>

Beatriz Queiroz Demarco

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/3550253746955313>

Larissa Brandão Pereira

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/1346381982090026>

Livia Obolar de Amorim

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/0139099028827271>

Nathália Augusto dos Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica, RJ
<http://lattes.cnpq.br/1662074921700272>

RESUMO: A discussão sobre gênero e as ações que visam buscar a igualdade de direitos incentivam a reflexão sobre ordem social e

comportamentos, na busca de uma sociedade com equidade de acesso a bens e recursos, permitindo a mesma oportunidade a todos. O projeto de extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro intitulado “Mulheres nas Ciências Florestais”, apresenta relatos, obtidos durante os anos de 2020 e 2021, sobre a maternidade e a vida profissional sob diferentes óticas e situações. Esta pesquisa foi definida por uma metodologia de trabalho específica em que buscou-se nomes de mulheres de diferentes áreas do setor florestal em universidades, ONGs, associações, empresas e instituições públicas de gestão. Em seguida, analisou-se seus currículos obtendo-se uma ordem de relevância e prioridade, respeitando os seguintes critérios: graduação no curso de Engenharia Florestal; relevância da experiência profissional prévia; contribuições para o desenvolvimento científico; aquisição de prêmios acadêmicos; ocupação de cargos relevantes de gestão em organizações; titulação. Por fim, essas mulheres foram convidadas para a realização de entrevistas semiestruturadas para este projeto. A partir das respostas obtidas, concluiu-se que, na área florestal, a maternidade ainda é uma condição de desigualdade de gênero. No entanto, percebe-se um processo de mudança no setor, principalmente no meio empresarial. Já no meio acadêmico, científico e na ocupação de cargos de direção e gerência, é possível que a maternidade vivenciada sem uma rede de apoio, seja um dos fatores que dificulta o comprometimento de uma maior responsabilidade profissional, fazendo-se necessária a reflexão acerca de políticas públicas e direitos trabalhistas que contribuam

para a igualdade de gênero, independentemente da área de atuação da profissional.
PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Silvicultura. Direitos Humanos. Maternidade. Floresta.

REFLECTIONS ABOUT MATERNITY FOR GENDER EQUALITY IN THE PERFORMANCE OF WOMEN IN FOREST SCIENCES

ABSTRACT: The discussion on gender and the actions that aim to seek equal rights encourage reflection on social order and behaviors, ensuring equal access to goods and resources, allowing everyone in society the same opportunity. The extension project of the Federal Rural University of Rio de Janeiro entitled “Women in Forest Sciences”, presents reports, obtained during the years 2020 and 2021, about motherhood and professional life from different perspectives and situations. This research was defined by a specific work methodology where names of women from different areas of the forestry sector were sought in universities, NGOs, associations, companies and public management institutions. Then, their curricula were analyzed, obtaining an order of relevance and priority, respecting the following criteria: graduation in the Forest Engineering course; relevance of previous professional experience; contributions to scientific development; acquisition of academic awards; occupation of relevant management positions in organizations; titration. Finally, these women were invited to carry out semi-structured interviews for this project. From these interviews, it was concluded that, in the forestry area, motherhood is still a condition of gender inequality. However, there is a process of change in the sector, especially in the business environment. In the academic and scientific environment, and in the occupation of director and management positions, it is possible that motherhood experienced without a support network is one of the factors that makes it difficult to commit to greater professional responsibility, making it necessary to reflect on public policies and labor rights that contribute to gender equality regardless of the professional’s area of activity.

KEYWORDS: Women. Forestry. Human Rights. Maternity. Forest.

1 | INTRODUÇÃO

A igualdade de gênero foi considerada como direito fundamental na Carta das Nações Unidas de 1945, mas somente nos últimos 40 anos foi reconhecido como integrante dos direitos humanos, com um novo entendimento em relação à distribuição de poder, bens e riquezas (PINHEIRO, 2019). A discussão sobre gênero, bem como, as ações para buscar a igualdade de direitos, são necessárias para incentivar a reflexão sobre ordem social e comportamentos, de homens e mulheres, a fim de que ocorra a equidade de acesso a bens e recursos, permitindo a mesma oportunidade a todos da sociedade (VIEIRA, 2018). Em todo o mundo, ainda existem casos de diferença entre homens e mulheres, em relação à aplicação de políticas públicas, direitos adquiridos e representatividade social.

Segundo Leao e Barwinski (2018), os termos igualdade de gênero, identidade de gênero e direitos humanos, são utilizados como sinônimos, embora “ideologia de gênero” apresenta relação com as propostas de um currículo escolar sexista, racista e

discriminatório. No entanto, “Gênero” é uma categoria de análise das relações sociais, não restrito às ciências sociais, ao contrário, são estudos interdisciplinares relacionados aos direitos humanos. Ainda, a palavra gênero passou a integrar discussões importantes e conhecimentos úteis para a compreensão “sobre a exclusão de pessoas, a experiência da violência e a comunicar sobre as desigualdades na sociedade. Por conta disso, chegou às políticas educacionais o reconhecimento de que existem discriminações e desigualdades de gênero”. Ainda, o direito denominado natural tem o exercício em uma série de garantias que pertencem a todos os indivíduos. É responsabilidade do Estado garantir o reconhecimento desses direitos, por meio dos quais será possível o desenvolvimento do bem estar social, cultural e econômico (SALVADOR, 2018).

Meizen-Dick et al. (1997) abordaram o gênero em relação ao direito de propriedade e recursos naturais, ressaltando que outras características sociais também interferem nos direitos, como a idade e a classe social. A produtividade do trabalho feminino relaciona-se com o acúmulo do trabalho doméstico, e os autores encontraram referência de situações diversas, como culturas em que favoreciam a herança das terras aos filhos homens, enquanto as mulheres permaneciam um maior tempo dedicando-se aos estudos, refletido no êxodo feminino para as áreas urbanas.

Mesmo em comunidades que vivem em áreas florestais remotas, como é o caso de unidades de conservação de uso sustentável, em que a participação feminina é culturalmente valorizada, é possível observar a distinção de gênero na divisão do trabalho (SILVA et al., 2014). Ainda, as mulheres nessa situação são responsáveis por 50% da renda de origem florestal, enquanto os homens obtêm aproximadamente 33% (WORLD BANK et al., 2009).

A Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, criada em 2015 na Assembleia Geral das Nações Unidas, reforçou a importância dessa reivindicação social, apresentando como Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, as metas para o alcance da igualdade de gênero e como tema transversal em outros 12 objetivos globais. Em 2016, a organização lançou a iniciativa global “Por um planeta 50-50 em 2030: um passo decisivo pela igualdade de gênero”, em que iniciou um movimento diplomático, com compromissos concretos assumidos por mais de 90 países, incluindo a necessidade do envolvimento de todos da sociedade (ONU MULHERES BRASIL, 2016).

Como comentado, os números das pesquisas que abordam o tema, demonstram que a igualdade ainda não existe, de fato, na sociedade. No meio acadêmico, cerca de 54% dos estudantes em doutorado são mulheres, com discrepância entre as áreas de atuação. A presença feminina predomina nas ciências biológicas, embora representem menos de 25% nas ciências exatas e 14% na Academia Brasileira de Ciências. No Brasil, o maior número de artigos científicos é de mulheres na América Latina e na comunidade ibero-americana. Entre 2014 e 2017, foram publicados cerca de 53,3 mil artigos, dos quais 72% foram pesquisadoras mulheres (ALBORNOZ et al., 2018).

Como relatado por Lino e Mayorga (2016), a diferença biológica entre machos e fêmeas, evidenciado no cuidado dos filhos, torna a maternidade uma função de caráter doméstico, enquanto a paternidade apresenta um caráter público, o que afastou as mulheres da ciência. A maternidade é um motivo de conflito também durante a vida acadêmica, pela dedicação e disponibilidade de tempo que o desenvolvimento da ciência demanda. A trajetória profissional das mulheres cientistas é marcada pela jornada excessiva de trabalho, conciliando as responsabilidades do cuidado com a família e com o lar, a vida pessoal e o trabalho. Culturalmente, mesmo participando na geração da renda familiar, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos permaneceu sendo atribuição feminina. O meio acadêmico, para os autores, é considerado um reflexo da cultura hegemônica, do sexismo e do androcentrismo, evidenciados por suas normas, regimentos, códigos e regras de conduta. Em relação à problemática feminina na ciência, as autoras consideraram que:

“... a participação das mulheres na ciência vai além de afirmar a participação destas nessa esfera de conhecimento, implicando também, sem sombra de dúvidas, na problematização da ciência moderna como pertencente à cultura hegemônica que tem seus pilares no sexismo e androcentrismo. Nesse sentido, perceber e denunciar os pilares que sustentam e fornecem legitimidade à ciência se torna imprescindível. Para isso, é preciso se atentar aos códigos, às regras de conduta, às normas acadêmicas tal como aos procedimentos para a construção de saberes” (LINO E MAYORGA, 2016, p. 10).

Silva e Ribeiro (2014), por meio de entrevistas, demonstraram um ambiente regido por valores e padrões masculinos no meio científico. As autoras consideraram que essa situação influencia diretamente no comportamento das mulheres em relação ao trabalho, como a dedicação intensa para alcançar o mesmo reconhecimento, e a situação de sub-representação feminina, na ocupação de cargos de direção e no recebimento de bolsas.

Diante dessa realidade, a iniciativa *Parent in Science* no Brasil, analisou o impacto da parentalidade na produção científica (MACHADO et al., 2019), entre outras pesquisas na área. O movimento resultou em um campo adicional no currículo Lattes em 2021, no qual a pesquisadora pode declarar o período de licença à maternidade. Alguns processos de avaliação para evolução da carreira e para a produção científica, passaram a adotar critérios diferenciados quando há esse período de afastamento no currículo.

Algumas áreas científicas foram consideradas de vocação masculina, por muito tempo, como é o caso das ciências exatas, que inclui as engenharias e as ciências agrárias e florestais, e as ciências da Terra. Atualmente, há um maior ingresso de mulheres no ensino superior (INEP, 2019), e observa-se o aumento da participação feminina em diferentes cursos e áreas. No entanto, a igualdade de gênero ainda é um desafio no mundo profissional, científico e acadêmico. Além disso, as mulheres ainda estão sujeitas às dificuldades em relação à liberdade de escolha (política, pessoal e profissional) e à maternidade. A questão da igualdade de gênero vem sendo abordada em diversas áreas da ciência, política,

familiar e social. A participação feminina na política é baixa em vários países desenvolvidos e em desenvolvimento, e o mesmo ocorre em posições de liderança e tomadas de decisão (MANFRE e RUBIN, 2012). Desde a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Pequim, em 1995, foram desenvolvidas estratégias para diminuição da desigualdade de gênero em relação a questões ambientais, já que é reconhecida como uma questão de direitos humanos e trabalhistas fundamentais, além de ser um dos principais impulsos do desenvolvimento e da sustentabilidade em todo o mundo (OIT, 2016).

No setor produtivo florestal, o tema foi incorporado ao sistema internacional de certificação do manejo florestal Forest Stewardship Council (FSC) em 2015, quando no critério 2.2 foi estabelecido: “A Organização deverá promover a igualdade de gênero nas práticas de emprego, oportunidades de treinamento, celebração de contratos, processos de engajamento e atividades de gestão” (FSC, 2016). Nesta iniciativa, espera-se promover a valorização da atuação das mulheres, fomentando a discussão sobre a participação feminina no setor florestal, e a reflexão acerca da importância da equidade entre homens e mulheres. Portanto, devido a importância deste setor e das mulheres para economia do país, a ampliação dos debates e da geração de informações sobre gênero são fundamentais para a busca da equidade (REDE MULHER FLORESTAL, 2020). Atualmente, o setor florestal está em fase de transformação e adaptação, com as empresas implantando novos programas de treinamento e grupos de trabalhos internos, preparando-se para poderem cumprir o novo critério a ser verificado para a certificação. Em fevereiro de 2022, foi divulgado pela Rede Mulher Florestal, a 2ª edição do Panorama de Gênero do Setor Florestal. Esse documento teve o objetivo de levantar dados sobre a evolução da participação feminina no setor e, dessa forma, contribuir para a revisão de políticas e práticas das organizações florestais visando a promoção da equidade de gênero. Segundo o relatório, a presença feminina aumentou de 12,7% (2020), para 19% (2021), com maior nas áreas de atuação: Viveiros (51,4%), Meio Ambiente, Qualidade, Certificação e Social (42,8%), Áreas Administrativas (36,8%), Saúde e Segurança do Trabalho (32,3%), Pesquisa e Desenvolvimento (26,1%) e Abastecimento e Área Comercial (21,5%). No entanto, as áreas de Colheita e carregamento (2,2%), Proteção Florestal / Patrimonial (5,3%), Estradas Florestais (6,2%) e Silvicultura (7,1%) apresentaram a menor representatividade feminina. Sendo assim, apesar de observado um pequeno aumento da presença feminina na área florestal, ainda é uma minoria feminina nas áreas operacionais e na posição CEO/Presidente (REDE MULHER FLORESTAL, 2022).

Na academia, segundo Casagrande et al. (2016), o número de mulheres matriculadas nos cursos de graduação das engenharias pelo Brasil é inferior ao de homens. Apesar de aparecerem como 51,8% da população, de acordo com as estimativas do IBGE (2019), o que equivale dizer que temos aproximadamente 7,5 milhões de mulheres a mais que homens no Brasil. Mesmo assim, na última década, de acordo com os registros do Sistema CONFEA, dentro de um universo de 966.187 profissionais ativos, 14,5% são

mulheres. Assim, do percentual mencionado, a representação feminina chega a 178.327, independente da área de atuação. Deste número, 5.788 dizem respeito às profissionais de Engenharia Florestal. Para Casagrande et al. (2016) “a questão de gênero, mais uma vez, se manifesta quando meninas escolhem os cursos de engenharia, [...] que reiteradamente trazem a ideia do preconceito quanto às habilidades cognitivas exigidas para a área [...]”.

Ao tomarmos a UFRRJ como exemplo, é possível observar que, nos primeiros anos do curso, havia 10% de mulheres matriculadas. Atualmente, a média é de 50%, com algumas oscilações pontuais. Para Lombardi (2006), a situação vivida pelas mulheres nessa área, continua sendo “especial e excepcional”, visto que no mercado de trabalho formal apenas 15% das vagas eram ocupadas por mulheres, com um pequeno aumento nos últimos anos.

Em busca de fomentar as discussões nessa perspectiva, o projeto de extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro intitulado “Mulheres nas Ciências Florestais”, realizou entrevistas semiestruturadas com mulheres atuantes em diferentes áreas do setor florestal. O objetivo desse trabalho foi apresentar os relatos obtidos durante os anos de 2020 e 2021, sobre a maternidade e a vida profissional, sob diferentes óticas e situações. Espera-se que os resultados apresentados possam contribuir para a discussão sobre a igualdade de gênero, mesmo considerando uma situação caracterizada como fisiologicamente distinta, entre homens e mulheres.

2 | DESENVOLVIMENTO

O projeto de extensão “Mulheres nas Ciências Florestais” da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) tem, como principal objetivo, a valorização da participação de mulheres nas Ciências Florestais. O trabalho desenvolvido inclui o resgate histórico das pioneiras nas ciências florestais, ações para motivação do público feminino para ingresso e permanência nos cursos de graduação em Engenharia Florestal, a divulgação de profissionais em diferentes áreas de atuação do setor florestal e acadêmico, bem como sua trajetória acadêmica e profissional.

A seleção das mulheres a serem convidadas para participar do projeto, foi definida por uma metodologia de trabalho específica. Todas as faculdades e universidades que oferecem o curso de Engenharia Florestal foram contactadas por correio eletrônico, para apresentação do projeto e solicitação de indicações. A partir de dados publicados em páginas web, buscou-se nomes de mulheres em ONGs e associações, empresas do ramo florestal, bem como instituições públicas de gestão. A segunda fase de seleção, foi a análise do currículo dos nomes encontrados, a fim de se obter uma ordem de relevância e prioridade para contactá-las para a participação e entrevista. A ordem de escolha das entrevistadas permitiu mesclar personalidades de maior experiência com aquelas de menor experiência profissional ou acadêmica. Foram utilizados, como critérios, os

seguintes quesitos: graduação no curso de Engenharia Florestal; relevância da experiência profissional prévia; contribuições para o desenvolvimento científico; aquisição de prêmios acadêmicos; ocupação de cargos relevantes de gestão em organizações, titulação. Essa classificação final possibilitou identificar os nomes que pudessem ter mais relação com a área florestal, pela experiência da candidata, e não tendenciar os convites somente para engenheiras florestais ou mulheres com mais tempo de experiência.

Assim, os convites foram enviados para profissionais de diferentes atuações, níveis de experiência e formação profissional, com atuação na área florestal. Todos os convites para participação no projeto foram enviados com os arquivos do questionário e do termo de consentimento, além da possibilidade de gravação da entrevista.

Durante o período de 2020 e 2021, foram entrevistadas mulheres com diferentes atuações profissionais na área florestal, realizadas de forma semiestruturada, em plataformas gratuitas para reuniões virtuais (*Google Meet*, *Zoom* e *Microsoft Teams*) com duração média de 40 minutos, e disponibilizados no canal do Laboratório de Manejo de Bacias Hidrográficas (LMBH) na plataforma YOUTUBE® (<https://www.youtube.com/channel/UCvo6Fh2rWfGOg-2urcpkmOg>).

Todas as participantes receberam um questionário com perguntas relativas à atuação, motivação e realização profissional, além de experiências de vida e situações em que o gênero foi relevante, com termo de anuência para divulgação da entrevista e autorização para o uso da imagem. No entanto, durante a realização das entrevistas, as perguntas apresentadas previamente poderiam não ser contempladas em sua totalidade. A troca de experiências tornava-se uma conversa aberta, em que outros temas poderiam ser desenvolvidos, de acordo com as respostas das participantes.

Assim, o assunto referente à maternidade foi abordado de forma espontânea, em alguns encontros, com diferentes pontos de vista ou similaridades entre os relatos. Para a apresentação desse resultado, foi realizado o recorte de cada contribuição ao assunto específico da maternidade, e organizados de forma a apresentar um quadro geral com as principais ideias destacadas pelas entrevistadas.

3 | RESULTADOS

Foram entrevistadas 33 profissionais, sendo 17 professoras universitárias, 3 pesquisadoras de pós-doutorado internacional, 9 profissionais de organizações não governamentais e 5 de empresas privadas. A maternidade foi um assunto abordado, de forma espontânea, por 35% das entrevistadas.

O surgimento do tema, durante as entrevistas, ocorreu durante as apresentações sobre a trajetória profissional, e nos questionamentos acerca de situações vivenciadas em relação à gênero. A seguir, apresenta-se a transcrição dos relatos destacados com abordagem sobre o tema da maternidade, durante as entrevistas.

“Foi um impacto muito grande ter que dividir minha atenção e falar: não, agora a principal coisa na minha vida não é mais minha carreira, é meu filho. Acho que mais difícil do que lidar com essa redução de produção acadêmica, foi lidar emocionalmente com uma mudança em termos de prioridade.”

(Cibele Hummel do Amaral - Professora da Universidade Federal de Viçosa)

“Foi maravilhoso, ele [o filho] teve uma boa formação e uma formação diferenciada, mas em algum momento, tive que fazer escolhas porque realmente não é possível conciliar aquela atividade [trabalho de campo isolado].”

(Sandra Regina Afonso - Pesquisadora do Sistema Florestal Brasileiro)

“Eu ouvi de familiares que eu deveria abandonar minha carreira para cuidar da minha filha. Eu tive que colocar ela muito cedo na escolinha para poder dar conta de continuar fazendo as minhas coisas e ela adoeceu muito, a cada 15 dias íamos ao médico. [...] Mas por que eu tenho que escolher entre a minha carreira e a minha filha? Eu não posso ter as duas coisas e conciliar?”

(Ana Flávia Neves Mendes Castro - Professora da Universidade Federal de São João Del Rei)

“Uma das dificuldades de ser mulher é conciliar as demandas em casa e a vida profissional. Somente agora que meu filho está mais velho, que eu consigo me dedicar mais à vida profissional [...] Quando ele era pequeno, eu não podia assumir grandes responsabilidades no trabalho.”

(Tatiana de Azevedo Branco Calçada - Coordenadora do Cadastro Ambiental Rural do Sistema Florestal Brasileiro)

“Eu virei mãe, então tive outras prioridades. Minhas filhas são prioridades absolutas, tanto que isso entrou muito em conflito com meu trabalho, no sentido de que ainda não consigo focar na minha carreira, porque elas ainda estão pequenas e pra mim, é uma escolha e não me arrependo.”

(Raquel Álvares Leão - Analista Ambiental do Sistema Florestal Brasileiro)

“As mulheres têm desvantagens porque ainda há um peso muito grande sobre a mãe ser a principal responsável pela educação dos filhos. Essa preocupação cultural, de assumir aquilo como responsabilidade dela, e deixar de lado o trabalho.”

(Maria Raquel Kanieski - Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina)

“Eu tenho dois colegas, um da [engenharia] florestal e outro da zootecnia que foram pais recentes. E eles estão assim, super envolvidos, né? Curtindo horrores as crianças assim. E aí eu fui visitar um deles assim, e ele falou assim: “Cara, essa licença paternidade é muito curta. É uma loucura um bebezinho em casa. Quer dizer, ele está vivenciando com a esposa, né?”

(Maria Madalena Santos da Silva - Professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná)

“Isso é muito importante, que você tenha essa visão que é o momento que ela

precisa para se recuperar, mas é muito complicado para as meninas e professoras que saem de licença maternidade. Acho que tem que ser melhorado muito nesse sentido, como um todo, os meus colegas de doutorado diziam assim: 'Olha, você é uma heroína! Não sei como é que você controla dois meninos e ainda trabalha!' E os dois assim, juntos de mim. Eu falo muito desse estágio que eu tive na minha profissão, que não produzi muito porque é difícil você ser mãe cem por cento e ser pesquisadora cem por cento. Acho que deve sobrar uma coisinha lá (uns 10 por cento) pra profissão. Então, eu tive que optar assim: Essa fase eu vou me dedicar para isso e depois eu vou me dedicar para o outro, né? Eu fiz essa opção."

(Daniela Biondi Batista - Professora da Universidade Federal do Paraná)

De forma geral, foram levantadas as diferentes questões frente às dificuldades das mulheres em relação à maternidade na vida profissional. Algumas palavras foram citadas com maior repetição, que permitem a percepção sobre os sentimentos que permeiam o assunto: PRIORIDADE; RESPONSABILIDADE; TAREFA ou FUNÇÃO; RELACIONAMENTO.

Em relação à PRIORIDADE, os relatos transmitem a ideia de que, após a maternidade, ocorre uma alteração nas prioridades. Ou seja, os filhos tornam-se a prioridade (e não mais a carreira), pelo menos, durante os primeiros anos de vida. A retomada da carreira foi citada como algo que ocorre naturalmente, conforme os filhos crescem. No entanto, os sentimentos relatados foram de preocupação, insegurança, autocobrança, evidenciando o conflito interno das mulheres, entre constituir uma família ou uma carreira.

A RESPONSABILIDADE de cuidar do lar, dos filhos, de cumprir com metas no trabalho, foram associadas com a divisão de TAREFAS e/ou FUNÇÕES a serem desempenhadas por homens e mulheres. Nesse sentido, destaca-se a menção ao fato de que as diferenças fisiológicas não justificam a condição de exclusividade do desempenho da maternidade às mães e, quando os parceiros se dedicam igualmente à família, as mulheres não se sentem sobrecarregadas e administram melhor o tempo.

Os diferentes tipos de RELACIONAMENTOS ao redor do tema da maternidade foram considerados importante para destacar. A temática foi abordada por mulheres que não tiveram filhos, pois em suas trajetórias profissionais, vivenciaram experiências com gestantes ou puérperas, ou com homens que se tornaram pais. Além disso, a rede de apoio, que inclui o relacionamento afetivo, como imprescindível para conciliar as múltiplas atividades desenvolvidas por essas mulheres.

A partir dos relatos apresentados, pode-se afirmar que a maternidade não é um processo vivenciado exclusivamente pela mulher. Assim, propõe-se uma visão diferenciada para essa fase da vida do homem, o tornar-se pai. A licença à paternidade no Brasil é um período muito curto para permitir que os homens estejam mais presentes, auxiliando e participando ativamente desse período de formação da unidade familiar. Sem o reconhecimento da importância dos pais, todas as questões sobre maternidade são direcionadas às mulheres. São elas que vão precisar se afastar do trabalho e que estarão

indisponíveis para assumir novas e maiores responsabilidades. Ao valorizar a paternidade, seria possível a redistribuição de responsabilidades e funções, no lar e no trabalho, aumentando as condições de igualdade de gênero nos altos cargos de gerência e direção.

4 | CONCLUSÃO

A maternidade ainda é uma condição de desigualdade de gênero na área florestal. No entanto, percebe-se um processo de mudança no setor, principalmente no meio empresarial. No meio acadêmico e científico, e na ocupação de cargos de direção e gerência, é possível que a maternidade vivenciada sem uma rede de apoio, seja um dos fatores que dificulta o comprometimento de uma maior responsabilidade profissional. Assim, baseando-se nos direitos humanos, torna-se relevante a reflexão acerca de políticas públicas e direitos trabalhistas que contribuam para a igualdade de gênero independente da área de atuação da profissional.

REFERÊNCIAS

- ALBORNOZ, M.; BARRERE, R.; MATAS, L.; OSORIO, L.; SOKIL, J. 2018. Las brechas de género en la producción científica Iberoamericana. Observatorio Iberoamericano de la Ciencia, la Tecnología y la Sociedad de la Organización de Estados Iberoamericanos (OCTS-OEI). **Papeles del Observatorio**, n. 9.
- CASAGRANDE, L. S.; SOUZA, A. M. F. L. 2016. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016, 825-850.
- FSC. 2016. Promovendo a Igualdade de Gênero nos Padrões Nacionais de Manejo Florestal. FSC-GUI-60-005 V1-0 PT.
- INEP. **Notas estatísticas do Censo da Educação Superior 2019**. Governo Federal, Brasil. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf> Acesso em 09jun.2021.
- LEÃO, I. V.; BARWINSKI, S. L. L. B. Direitos humanos e igualdade de gênero no Brasil: tensões no direito à educação na ONU e OEA. In: Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo: EDEPE. **Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo**, ano 03, v.3, n.8, 2018, 116p., p. 56-70.
- LINO, T. R.; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da Ciência: uma análise da participação das mulheres na Ciência Moderna. **Sau. & Transf. Soc.**, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.7, n.3, p.96-107, 2016.
- LOMBARDI, M. R. 2006. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.127, p. 173-202, jan./abr. 2006.
- MACHADO, L. S.; et al. **Parent in Science: the impact of parenthood on the scientific career in Brazil**. 2019 IEEE/ACM 2nd International Workshop on Gender Equality in Software Engineering (GE). Disponível em: <https://327b604e-5cf4-492b-910b-e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_f53ac6eee19f454193a3ae5ef84682f4.pdf> Acesso em 09jun.2021.

MANFRE, C.; RUBIN, D. 2012. **Integrating Gender into Forestry Research: A Guide for CIFOR**. Scientists and Programme Administrators. CIFOR, Bogor, Indonesia.

MEINZEN-DICK, R. S.; BROWN, L. R.; FELDSTEIN, H. S.; QUISUMBING, A. R. 1997. Gender, property rights, and natural resources. **World Development**, v. 25, n. 8, 1303-1315.

OIT. 2016. **Mulheres no trabalho**. Tendências 2016. Genebra. 13p.

ONU MULHERES BRASIL. **Planeta 50-50 em 2030**. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050/> Acesso em 18jun2021.

PINHEIRO, A. L. L. **Direitos humanos das mulheres**. IPEA, Ministério da Economia, Governo Federal, Brasil. 12p. 2019. Disponível em < https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190327_tema_i_direitos_humanos_das_mulheres.pdf> Acesso em 09jun.2021.

REDE MULHER FLORESTAL. 2020. **Panorama de gênero do setor florestal: 2019** / organização Maria Harumi Yoshioka. 1. ed., 29p. Curitiba, PR. Disponível em < https://www.redemulherflorestal.org/_files/ugd/b9b159_8a169bac962949ceafc472612b4820d1.pdf> Acesso em 05jun.2021.

REDE MULHER FLORESTAL. 2022. **Panorama de gênero do setor florestal: 2021** / organização Mariana Schuchovski, Maria Harumi Yoshioka, Tree Consultoria em Diversidade e Inclusão. 2. ed., 61p. Curitiba, PR. Disponível em < https://www.redemulherflorestal.org/_files/ugd/b9b159_633444a8da9d4898a98ac86145be6cfc.pdf> Acesso em 30abr.2022.

SALVADOR, W. O Brasil na liderança das forças de paz da ONU no República do Haiti. In: Escola da Defensoria Pública do Estado de São Paulo. São Paulo: EDEPE. **Cadernos da Defensoria Pública do Estado de São Paulo**, ano 03, v. 3, n. 8, 2018, 116p., p.146 – 161.

SILVA, F. F.; RIBEIRO, P. R. C. Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 2, p. 449-466, 2014.

SILVA, R. E.; BONFIM, F. S.; SOUZA, R. R. 2014. Mulheres, saberes práticos, relações de gênero e a floresta. **Nova Revista Amazônica**, v. 2, n. 1, 38-49.

VIEIRA, C. C.; NUNES, M. T. A.; FERRO, M. J. **Questões de gênero e cidadania: reflexões breves sobre o poder emancipatório da educação**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316.2/41321>> Acesso em 15jun2021.

WORLD BANK, International Fund for Agricultural Development (IFAD) e FAO. 2009. **Gender and agriculture sourcebook**. World Bank, Washington, DC. 764p.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atletas 20, 21, 22, 23, 24

Autocuidado 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48

C

Construção civil 93, 95, 96, 97, 98, 101

Contexto social 36, 40, 45

Cooperação ao desenvolvimento 55

Covid-19 20, 21, 22, 24, 47

D

Direitos humanos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 26, 27, 29, 34, 35, 50, 55, 56, 58, 60, 63, 64, 65, 66, 67

Discriminação das mulheres 1

E

Educação infantil 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79

Egresso 93, 94, 95, 98, 99, 100, 102

Ensino Médio 62, 80, 81, 82, 83, 91

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 34, 35, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 80, 83

Estratégias de ensino 68

Extensão 25, 30, 50, 103

F

Floresta 26, 35

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 50, 51, 52, 54, 68, 70

J

Jogos matemáticos 80, 92

L

Literatura infantil 68, 69, 70, 72, 75, 78, 79

M

Masculinidade hegemônica 50, 51, 52, 53

Masculinidades 50, 54

Maternidade 25, 26, 28, 30, 31, 33, 34

Mindfulness 36, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48

Mulheres 1, 2, 3, 5, 10, 11, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 50, 51

Mundo do trabalho 2, 93, 95

P

Pandemia 20, 21, 22, 23, 24, 52

Pluralidade 14, 15, 16, 17, 47

Política 7, 10, 14, 15, 16, 17, 19, 28, 29, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 94, 95, 101

Política migratória 55, 63, 65

Potenciação 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Práticas educativas 1, 2, 12

Profissionais 6, 9, 20, 21, 22, 24, 29, 30, 31, 33, 36, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 72, 73, 77, 101

R

Radiciação 80, 81, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Reinserção 93, 94, 98, 101, 102

S

Silvicultura 26, 29

V

Violação dos direitos humanos 1, 2, 12

CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos
e resultados empíricos

2

- 🌐 www.arenaeditora.com.br
- ✉ contato@arenaeditora.com.br
- 📷 @arenaeditora
- 📘 www.facebook.com/arenaeditora.com.br



CIÊNCIAS HUMANAS:

Desafios metodológicos
e resultados empíricos

2

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

